

XXXVIII

Foi o próprio tenente Rocco quem pegou em Tomás pelo braço e o levou sob custódia. O historiador não foi algemado; o crime de que era acusado não tinha gravidade para isso. Além do mais, e no fim de contas, encontravam-se no Vaticano; circular por aquele espaço considerado sagrado por centenas de milhões de seres humanos com um homem acorrentado não ficaria bem.

“Para onde me leva?”

“Para a prisão do Vaticano”, devolveu o oficial dos gendarmes. “É na Gendarmeria.”

Tomás soergueu uma sobrancelha, admirado.

“O Vaticano tem uma prisão?”

“Claro que sim. São quatro células.”

“E quem costumam vocês prender lá?”, perguntou em tom irônico. “Pecadores?”

O gendarme olhou-o de soslaio.

“Engraçadinho...”

“Não, a sério. Quem são os clientes dessas células?”

“Usamo-las normalmente para deter carteiristas apanhados a furtar turistas. Depois são entregues à justiça italiana.”

Contornaram a basílica e caminharam como se regressassem ao Palácio Apostólico; a Gendarmeria situava-se umas centenas de metros a norte dos apartamentos papais. Não estavam longe. De resto, a Cidade do Vaticano era de tal modo pequena que nada no seu perímetro se encontrava distante de nada.

“Os senhores estão a cometer um grande erro”, disse Tomás. “Os sequestradores do papa regressaram aqui ao Vaticano e é possível que ainda cá estejam. Mesmo que já tenham fugido não podem andar muito longe. As buscas deveriam ser retomadas imediatamente e isto tem de ser tudo passado a pente fino.”

“Esse assunto não é da minha responsabilidade”, esclareceu o tenente Rocco. “O inspetor deu-lhe ordem de prisão e eu limitei-me a cumpri-la.”

“Que eu saiba o inspetor Trodela é comissário da Giudiziaria italiana e o senhor tenente é um agente do Corpo de Gendarmeria do Vaticano”, lembrou o português. “Ele não é seu superior hierárquico, por isso o senhor tenente nem sequer tem de lhe obedecer.”

“As ordens de sua eminência, que na ausência de sua santidade assume as funções de camarlengo e autoridade máxima na Santa Sé, vão no sentido de darmos total colaboração à Giudiziaria neste processo”, disse o gendarme com ar pomposo. “Se o inspetor Trodela diz que o senhor está detido, então está mesmo detido. Ponto final.”

Nada mais havia a dizer, percebeu o português. Se era assim que eles queriam, o que poderia fazer?

Depois de cruzarem o Cortile del Belvedere, os dois homens passaram diante da sede do IOR e do Palácio Apostólico. Quando se abeiraram da Igreja de Santa Ana viraram à esquerda e subiram pela via del Pellegrino. A Gendarmeria situava-se um pouco mais à frente, mesmo atrás da Igreja de São Peregrino e das instalações do *L'Osservatore Romano*.

Chegaram à Gendarmeria e constataram que a porta principal estava deserta, o que deixou o tenente Rocco surpreendido.

“Que desleixo vem a ser este?”, interrogou-se. “Onde diabo está a sentinela?”

Entraram no átrio do edifício e não viram viva alma, embora tudo estivesse no seu lugar; era como se as instalações tivessem sido abandonadas à pressa. O oficial olhou para todos os lados, desconcertado e sem saber o que fazer nem como explicar aquele mistério.

“É aqui que planeiam deter-me?”, ironizou Tomás. “E quem me guardará? Eu próprio?”

O tenente Rocco espreitava para todos os compartimentos, esforçando-se por perceber o que se passava.

“Não entendo, não entendo...”

A certa altura escutaram à distância uma voz que parecia falar ininterruptamente. O som vinha do interior da Gendarmaria, mais precisamente de uma divisão situada ao fundo do corredor. Esperançado, o oficial fez sinal a Tomás de que o seguisse e encaminhou-se para aí. À medida que se aproximavam o volume da voz foi crescendo até se tornar inteligível.

“... mão de emergência do presidente do Conselho com o ministro do Interior para decid...”

Entraram na divisória de onde vinha o som e depararam-se com uma sala apinhada de gendarmes espedados a ver televisão. O tenente Rocco observou a cena com incredulidade.

“O que se passa?”

Um coro de sussurros mandou-o calar.

“Chiu!”

A atenção dos recém-chegados voltou-se igualmente para o pequeno ecrã de onde um apresentador da RAI debitava as notícias no que parecia uma emissão especial.

“... ameaça do grupo que reivindica ligações ao Estado Islâmico contra a vida de sua santidade”, disse o jornalista. “Recordo que esta reunião entre o chefe do governo e o ministro do Interior foi convocada na mesma altura em que o grupo emitiu pela Internet um comunicado no qual anuncia ter sequestrado o papa e ameaça decapitá-lo à meia-noite, hora de Roma, a menos que

todos os governos ocidentais paguem ainda hoje ao califa do Estado Islâmico um tributo reservado aos não-muçulmanos. Os gov...

“*Dio mio!*”, exclamou o tenente Rocco, chocado. “A notícia já começou a ser difundida!”

Tomás virou-se para ele e esboçou uma expressão condescendente.

“Do que estava à espera?”, perguntou. “O que admira é que tenham levado tanto tempo.”

O coro de sussurros a ordenar silêncio voltou a percorrer a sala e os dois calaram-se. No ecrã, o apresentador italiano não parava de dar informações.

“... nfrontada com este comunicado dos extremistas islâmicos, a Santa Sé preferiu não fazer quaisquer comentários mas, e isto pode ser significativo, recusou-se a confirmar que sua santidade se encontra bem e em segurança. Um porta-voz da... da...” O jornalista hesitou, como se estivesse nesse momento a receber novidades pelo auricular. *“Bem... uh... tenho agora a informação de que o grupo islâmico acabou de divulgar pela Internet um vídeo que... que supostamente mostra o santo padre em cativo. Estamos ainda a ten...”*

“Um vídeo?!”, interrogou-se o tenente Rocco com um esgar horrorizado. “Eles têm um vídeo?!”

“... tar obter confirmação da veracidade desse vídeo. Vamos de qualquer modo mostrá-lo, pois a reunião de emergência do presidente do Conselho com o ministro do Interior, marcada mais ou menos na altura em que saiu o comunicado deste grupo extremista, parece indicar que algo de muito grave se está realmente a passar. Gostaríamos de alertar os espectadores mais sensíveis para a natureza chocante das imagens. Vamos então ver o víd...”

Tomás olhava, siderado, para o pequeno ecrã. Não fora um dos seus agressores, o tal Abu Bakr, que abandonara a Igreja de Santo Estevão dos Abissínios para, segundo então dissera, “enviar imagens”? Sentiu um arrepio percorrê-lo. Estaria a referir-se a este vídeo?

No televisor, o apresentador da RAI calou-se e entrou no ar uma imagem a negro com uma frase escrita em inglês a toda a largura.

A message to the crusaders

Uma mensagem para os cruzados.

A imagem desfez-se e no seu lugar apareceu um homem mascarado de negro, de pé e com uma faca na mão, diante de outro homem, este ajoelhado em submissão e nas suas tradicionais vestes brancas. Chocados, na sala dos gendarmes todos reconheceram a segunda figura.

Era o papa.